

## ENTREVISTA

### A (TRANS)FORMAÇÃO DOS ESPORTES HEGEMÔNICOS: O VOLEIBOL EM QUESTÃO

Rafael Santiago Souza<sup>1</sup>  
(Pós-crítica/UNEB II)

**Apresentação:** Entrevista<sup>2</sup> concedida por Jéssica Palavollo — mulher negra e trans, atleta de Voleibol. Nordestina, nascida na cidade de Beberibe no interior do Ceará, atualmente defende as equipes (feminina e masculina) do projeto @pvb.beberibe. Antes de voltar para terra natal, a atleta atuava na Europa tendo passagens pelos clubes Alfafar e Sedavi — Valência/Espanha. Seu retorno para o Brasil aconteceu no contexto pandêmico de Covid-19, neste papo ela conta um pouco da sua trajetória de vida e resistência por meio do esporte.



Legenda: Arquivo pessoal  
@jessicapalavollo.

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Física e Mestrando em Crítica Cultural na UNEB II. Endereço eletrônico: mestradorafaelsantiago@gmail.com.

<sup>2</sup> Com Jéssica Bezerra Fernandes Albino Gama, realizada de forma online e gravada no dia 19 de agosto de 2021, via plataforma Google Meet. Transcrita posteriormente para fins publicação com autorização da entrevistada. Endereço eletrônico: jessiciararios@hotmail.com.

**Tratando de afirmação das diferenças e de representatividade LGBTQIAP+. Ao mesmo que tempo que falamos de liberdade e diversidade, estamos sempre buscando uma dessas letras para nos encaixarmos, às vezes nos cobramos isso e outras vezes é o mundo ao nosso redor que nos cobra. Então, como você se entende, se enxerga, se coloca e se afirma no mundo em relação a identidade de gênero e sexualidade?**

**Jéssica:** As coisas só começaram a ficar mais complicadas quando tive que migrar do masculino para o feminino, porque até então a vida inteira eu joguei no masculino e só era aquela coisa de chamar a atenção. “Ai tem uma trans lá no time! Tá com o time dos garotos, tá com time de homem”. Então, depois que direitos foram alcançados e ganhos com o passar do tempo, parece que as coisas se complicaram mais, a visibilidade das pessoas com a gente parece que complicou, parece que fica feio uma trans está com as mulheres nascidas, aí fica aquela coisa mais questionada que antes. Aqui no Brasil eu nunca tive problemas com relação a isso. Joguei anos e anos com vários times, representando os clubes da cidade, participando de torneios, campeonatos e era uma diversão. A partir do momento (meados de 2019), quando a gente teve direito ao nome feminino, a mudança de registro de nascimento, foi a oportunidade de atuar no feminino, tratamento hormonal e toda aquela questão. E a minha passagem na Europa, durante alguns anos, nunca me importei, nunca me senti prejudicada, nunca me senti menosprezada por ninguém, por estar em um time masculino. Acho que às vezes ficava até mais chamativo, porque era uma mulher no meio dos homens e depois que eu mulher fiquei no meio das mulheres se tornou uma coisa bem normal. Só que com bem mais preconceitos, nessa parte aí não vou mentir que vieram mais perguntas, “a vai levar vantagem, a é mais rápida, a é mais aquilo”, então não houve aquela questão “mais respeito”, que era o que eu esperava por estar em um público que deveria ser o meu melhor encaixe numa equipe,

mas mesmo assim eu deixei o esporte levar, porque o esporte ele deixa a gente tão preparada para qualquer tipo de situação, porque você já está ali pra perder ou pra ganhar, quando você perde tem que ver as falhas, os erros ou até mesmo o dia que não era para você vencer e acho que o esporte prepara o atleta para isso, você tem que está preparada para derrota, se vier vitória vai ser muito bom, mas nem toda derrota é significativo para que você se torne uma pessoa derrotada. No esporte, quando você perde não é porque você foi o pior, foi o dia, foi o momento.



Legenda: Clube Alfar Voleibol — Valencia/Espanha. Disponível em: <http://voleibol.asociaciones.alfar.es/quienes-somos/>.

Então assim, eu hoje vou completar 40 anos (no próximo mês dia 13), estou no Brasil há oito meses por conta da pandemia, muita coisa atrasou, muita coisa deixou de ser concluída, o meu último campeonato lá foi parado justamente no ano passado, no dia da mulher (no dia 7 a gente fez o último jogo). Eu joguei em Valência, em um clube da cidade, então eu voltei para o Brasil e estou aqui há oito meses. O que está acontecendo comigo agora no momento? Estou jogando pelo clube da minha cidade, que eu vou realizar o primeiro campeonato oficial representando a minha cidade aqui no Ceará, que é um marco, 40 anos e eu no auge, estou muito bem graças a Deus, fisicamente tudo tá muito bem, estou treinando 5 dias da semana sem parar, são 3 horas de

treinamento, é bem puxado, mas, mesmo assim, eu ainda me encaixo com o masculino. Eu treino com o feminino 1:30h e depois sigo 1:30h com os meninos, porque ainda não saiu da minha cabeça o voleibol masculino, eu jogo na posição de líbero e sinto mais prazer jogando no masculino, porque é mais forte e mais pesado. Realização? No feminino! Prazer? no masculino!



Legenda: Foto publicada no Dia da Mulher, 8 de março de 2020.  
Equipe Feminina Sedavi. Disponível em: @clubvoleibolsedavi.

**A Escola é vista como a instituição que, ao lado da família, tem a função social de educar as crianças/jovens e isso nos remete a uma confiabilidade nessa instituição, nos professores, na gestão etc. Em relação a sua trajetória escolar e mais especificamente nas aulas de Educação Física, como foram essas vivências, essas experiências? Você era uma criança afeminada, uma criança viada, como foi esse período da sua vida?**

**Jéssica:** Sempre fui muito feminina, frequentei a escola em 1986 (já com 5 anos) e as minhas primeiras professoras já até escreviam bilhetinhos para entregar a meus pais. Mas a convivência da minha família sempre foi uma coisa muito marcante, que inclusive pra você quando vier um novo traba-

lho aí da sua faculdade, algum trabalho do tipo, você chegou na família certa, porque por incrível que pareça, nós somos 4 filhos do mesmo pai e da mesma mãe, 4 filhos que nasceram homens e nós somos duas trans e dois gays. Mas nós tivemos a convivência a vida inteira com um hétero, o irmão mais velho é hétero.

Mas na nossa convivência foi sempre assim, a gente teve uma liberdade muito grande, nós tivemos pais ausentes por conta de trabalho, meu Pai se ausentava 3 dias na semana e praticamente a nossa educação foi aquela que vinha da Escola e do irmão mais velho que dizia “aaa isso é certo, isso é errado”, mas na cabeça de um gay você sabe o certo é só pra gente, não pode expor muita coisa porque vai ser errado pra todo mundo, menos pra nós. Querer colocar uma roupa de mulher todo mundo vai criticar, mas na nossa cabeça aqui tá correto e eu já sabia que queria ser uma trans, eu não queria ser só um gay afeminado. As minhas mudanças começaram com 13, 14, 15 anos, quando já comecei a hormonização e tive muita sorte, graças a deus (risos).

Só comecei a fazer aulas de Educação Física aos 15 anos (1996), por conta que mudei de colégio e lá sim tinha educação Física e claro que abracei o vôlei. Mas nunca foi um esporte, aqui na nossa cidade, desenvolvido porque a gente é de um interior, do Ceará, aquela coisa muito esquecida, o futebol é que prevalece e por incrível que pareça nosso projeto aqui de voleibol, a escolinha de voleibol se formou há pouco tempo e estará registrada agora (próximo mês). O nosso grupo aqui do time, o nosso técnico e o auxiliar vão viajar na sexta-feira para justamente participarem de uma reunião bem séria, que é para dar o ponta pé inicial da escolinha de vôlei, mas o projeto já existe há quase oito anos.

**Conte mais sobre sua relação com o vôlei, a questão das categorias (masculina x feminina) e se nessa trajetória até tornar-se profissional encontrou embates, se enfrentou algum tipo de preconceito no processo de transição e**

se o contexto do esporte favoreceu ou criou mais barreiras. Os profissionais de Educação Física que participaram/participam desses processos souberam lidar ou houve empecilhos?

**Jéssica:** Lá fora a questão: “aaa chegou uma trans no time”, os líberos titulares eles já ficaram bem apreensivos e senti muito desconforto deles à minha pessoa. Mas como é um esporte que você tem que ter seu talento pessoal, o talento é seu, a dominação tem que ser sua, você tem que seguir o que o técnico diz, mas se não for um bom atleta infelizmente não consegue aprender e nem por para fora tudo que tem que fazer dentro de uma quadra. Então, fui ganhando meu espaço pelo talento, se fosse pelo preconceito eu seria a terceira líbera no time. Todas as quatro temporadas que joguei fora, graças a Deus fui titular e senti que os garotos não gostaram muito, “aaa chegou uma trans, ainda é brasileira e vai pegar minha vaga”, nesse momento a gente sente um pouco de *rechazo* (como eles falam lá na Espanha), que é assim... o próprio preconceito. O preconceito aqui e na Espanha é igual, não tem diferença, aqui é com exagero, lá a lei funciona com mais clareza e a cultura também faz com que eles respeitem mais obrigatoriamente, ao contrário do Brasil, que ninguém respeita, é muito difícil.



Legenda: Equipe Feminina Sedavi, Valência/Espanha 2018. Foto Disponível em: @clubvoleibolsedavi.

Aqui na minha cidade com relação a essa mudança, vejo assim: os meninos sentem falta, os meninos falam “ai Jéssica, pra que tu foi mudar? Tu ainda tem muita lenha para queimar aqui com a gente no masculino, a gente sente falta. Mas hoje é como já falei, sinto-me realizada no feminino.

**Você faz os acompanhamentos que o COI delimita como normas para atuação profissional?**

**Jéssica:** Sim, tem que fazer, até tenho provas aqui [mostra o curativo no braço].



Legenda: Clube Alfafar.

**Sobre a realidade conjuntural do Brasil, a intensificação das violências e principalmente esse primeiro lugar que o país ocupa hoje no ranking mundial de assassinato de pessoas trans e travestis. Como você enxerga a contribuição dos esportes no processo de reeducação da sociedade brasileira, para mudarmos a consciência das pessoas em relação à aceitação e ocupação dos espaços?**

**Jéssica:** É muito relativo, as vezes você busca esses problemas com algumas trans e com gays e vejo que em alguns momentos essa sigla fica tão pesada. Começaram a pôr tanta sigla para nos identificar que fica meio que confuso da gente dizer “ah, faço parte de uma sigla que é enorme e ain-

da tem que explicar”. Você vê que a violência no nosso país, na maioria das vezes, não é gerada porque estou com minha família ou com meus amigos em um restaurante, ou estou em um ambiente favorável a qualquer pessoa, seja trans ou hetero, mas as pessoas às vezes gostam muito de querer aparecer de uma forma negativa. Eu busquei o esporte graças a deus, o esporte me abriu portas e acho que qualquer outra coisa seria bem complicado, bem difícil. E vai muito também da educação, aceitação, respeito. Quando você se encaixa em alguma coisa que te faz bem, no meu caso o vôleibol, me evitou muitos preconceitos fortes, me evitou muitas intrigas, muitas confusões. Porque uma pessoa pra falar hoje na cidade de Jéssica, ela infelizmente tem que engolir assim à seco, “ai não mas joga, ai mas tem talento”. A gente vai ter que respeitar mesmo que não queiram, mesmo que não gostem, porque a gente percebe, “ai chegou o viado, ai é o viado que vai pegar minha vaga? Não vai!” e isso é muito difícil, a gente tem que pensar também no outro lado, o hetero tá jogando e vou e tomo o lugar dele.



Legenda: Equipe masculina do Projeto de Voleibol Beberibe — PVB. Campeãs da I Copa Raimundo Francisco Freitas Jaguaribe, Jaguaruana-Ce 2020. Disponível em: <https://msha.ke/pvb/#conquistas-e-resultados>.

Inclusive aconteceu uma cena aqui na minha cidade muito forte, fui convidada para participar de um torneio aqui, bem disputado, com os melhores atletas da cidade e joguei



com o feminino e com o masculino. No feminino ganhei de melhor líbero o prêmio, e escutei muitas meninas falarem assim “claro, tinha que ganhar mesmo, jogou com mulher”. No mesmo torneio, uma semana depois joguei no masculino e ganhei o mesmo prêmio, ou seja, as pessoas mesmo sem querer, elas não vão aceitar, elas não querem, é uma coisa muito... “aaa vamos excluir”, se puder excluir, exclui, isso você pode ter certeza, e isso não vai mudar nunca, pode criar a lei, pode até pagar para uma pessoa não ter o preconceito com esse nosso mundo, eu não acredito! Eu não acredito pois vivo isso na minha cidade, vivo lá fora, não tem mudança, o preconceito é único, é aqui, é em qualquer lugar do mundo.



Legenda: Equipe Feminina do Projeto de Voleibol Beberibe — PVB. Campeãs do Intermunicipal de Voleibol do Ceará 2021. Fotos disponíveis em [@jessicapalavollo](#).

**Vimos a repercussão das olimpíadas de Tóquio 2021, num sentido contra hegemônico, de ir para além dos preconceitos e dar lugar a pessoas que antes eram negadas.**

**Como você vê o lugar da primeira mulher trans no levantamento de peso, da repercussão positiva que teve o caso de Douglas etc. Fale um pouco sobre esse outro lugar de visibilidade que as pessoas LGBTQIAP+ têm ocupado e suas consequências nacionais e internacionais.**

**Jéssica:** Só existe uma palavra para as pessoas que ainda são do contra entenderem, não fui eu quem criei a lei, todo atleta tem que obedecer ao Comitê Olímpico Internacional (COI). Enquanto houver uma normativa que vem de lá, uma regra que vem de lá, uma lei, não dou ouvido aos que são críticos, aos que são negativos, enquanto isso vou vivendo, vou praticando uma coisa que gosto, que amo e se for me preocupar com a opinião alheia, negativa, vou entrar numa depressão, não vou querer sair de casa, vou me prender e ter sempre que dar o meu melhor em quadra. Sei que muitas pessoas quando assistem os meus jogos, ou vão participar e ver um treinamento meu, no fundo no fundo elas vão querer que não dê certo, “não vai dar certo não, esse viado está se metendo numa coisa que não é pra ele”, é assim que se fala, a gente sabe da realidade, não adianta esconder. Então, é bem complicado... tocando no assunto Tiffany: tive a sorte de conviver com as pessoas que jogaram com a Tiffany, a gente joga torneio em toda a Europa, principalmente dentro da Espanha, eram os companheiros dela. A minha conversa no facebook com a Tiffany, quando mandei a foto ela disse “nossa, você tá no meu lugar”. Isso foi gratificante demais e olha que sou mais velha que ela, faço 40 e ela tem 36 ainda. É assim, essas portas são abertas uma de cada vez, não é que você vai querer chegar no lugar, “eu sou trans, quero aparecer, quero mostrar...”. Não! As coisas têm que saber se encaixar, mas com relação a essas pessoas que tiveram oportunidade de se profissionalizar e participar por conta de que o COI permitiu, tem que seguir em frente, isso vai servir de exemplo para outras pessoas não desistirem de quem você é e do que você quer ser e fazer também.

O caso Tiffany é parte dos nossos estudos, os mesmos questionamentos que ela sofreu/sofre, você e tantxs outrxs atletas que estão nessas condições passam também. Como você enxerga esse futuro próximo? Já que deram acesso a Tiffany vão aparecer outras pessoas querendo ocupar esses lugares, como você se ver nesse ambiente de disputa, já que você está voltando para o Brasil?

**Jéssica:** Se os críticos negativos respeitarem as leis, a gente não vai ter problema, é somente isso que tenho a dizer. Se a gente que fica escondidinha, no anonimato e fazendo o que a gente gosta, não vai ter problema nenhum. A Tiffany só passou a ter problema quando a mídia divulgou, até então ela estava na Europa muito bem jogando, deixa lá. A partir do momento que a estrela brilha mais, as pessoas se incomodam e só está tendo toda essa repercussão porque são as pessoas negativas que buscam atrapalhar, ninguém está preocupado em querer expor. Tenho certeza que se a Tiffany tivesse a oportunidade de ir à seleção brasileira, com direitos e pelo voleibol que joga — porque ela não está para querer aparecer, ela está ali porque joga muito bem — as pessoas do próprio grupo teriam criticado. Porque a gente vê mais problemas da nossa classe, do que da classe do outro lado, como as pessoas costumam falar.



É tipo assim: “Foi homem? Foi! Fez o que o COI pediu? Fez! Joga bem? Joga! Então o que vamos questionar?”. Ela está ali porque pagou ou porque recebe? Ela está ali porque é mais uma ou porque joga voleibol? É por isso que te falo, quando eu jogava no masculino não tinha problema nenhum, não tinha, não tinha problema nenhum, os olhares eles eram mais visíveis para minha pessoa, por conta de dizer assim: “olha a trans olha, ela parece uma mulher, ai não sei o que, ai e isso e isso”. Eu tenho culpa se as leis favoreceram a presença da gente num time feminino? Não é assim! A gente tá seguindo lei, estamos obedecendo uma lei que foi criada. E outra, se não tivesse sido aprovada, eu não iria me sentir menos e infeliz por atuar no time masculino não, até quando pudesse estaria ali juntinho, de forma alguma iria desistir.

**É o fato de não se encaixar. Se não querem me dar esse lugar aqui, vou está ocupando outro ali. Uma mulher trans numa quadra que “só tem homens heteros” chama muito mais atenção do que a inclusão desta na categoria feminina...**

**Jéssica:** Imagina eu que jogava de líbero, que a roupa já diferente, o uniforme era feito feminino, era short de laicra colado e a blusa de laicra feminina e os meninos com o masculino, porque o clube que atuei três temporadas em Valença tinha masculino e feminino, e eu olhava e dizia “um dia vou estar ali (risos), consegui!”.

**Consegui e continua a conquistar muito mais, pois está voltando ao Brasil e ocupando um lugar de representatividade na sua cidade, que é muito importante para o nordeste, para as cidades dos interiores...**

**Vivemos um processo histórico no Brasil de negação das nossas existências enquanto sujeitos, enquanto pessoas dignas de humanidade. Os nossos corpos ainda hoje, com todo esse debate, seguem estigmatizados, colocados no lugar da promiscuidade, da prostituição, das doenças sexualmente transmissíveis (a exemplo do HIV/Aids). Co-**

**mo você pensa essas temáticas e se já sofreu algum preconceito nesse sentido, das pessoas te julgarem sem conhecer antes sua profissão?**

**Jéssica:** É como te falei antes, vai ser aqui no Brasil, vai ser na Europa, vai ser em qualquer lugar do mundo. As pessoas vão sempre, tipo... “se é gay as doenças vão está ali”, eles não buscam o nosso melhor, não buscam valorizar o nosso talento, a nossa inteligência. Em relação a isso temos que nos acostumar, você não espere só coisas boas, porque nem os héteros esperam só coisas boas, os comportamentos ou qualquer outra atitude vem também dos heteros e às vezes eles se surpreendem quando encontram uma trans de uma cabeça mais voltada para sua realidade de aceitação, de respeito. Eles “eu pensei que tu ia ser vulgar, eu pensei que tu ia ser como algumas”, tá entendendo que eles sempre querem colocar os gays como as pessoas que têm doenças, as pessoas que não trabalham ou as pessoas estão ali porque não tinham o que fazer e foi fazer aquilo pois não teve oportunidade, é justamente isso.

Eu sou uma pessoa totalmente esclarecida com relação a tudo que você me perguntar, porque eu me aceito e me respeito, não escuto as críticas que são negativas, escuto as críticas construtivas. Sou uma pessoa totalmente independente, tenho 40 anos, tenho dupla nacionalidade — que isso é uma coisa importantíssima na minha vida, e voltar a Europa mesmo nessa época de pandemia não me impede de entrar na Europa, tem as vantagens, hoje me sinto muito feliz com relação a isso que alcancei e foi o voleibol que me deu, pois, a pessoa que na verdade fez isso tudo por mim é dentro do voleibol. A maior conquista foi essa da dupla nacionalidade. E outra, a gente não deve se preocupar com essas críticas quem vem fortes em relação a gente, tem que seguir em frente, com relações a doenças héteros também tem, gays tem, é normal, só que a gente sofre o preconceito maior pois eles acham que só nosso público pode ter.

**Sua formação profissional se deu apenas no contexto do esporte, ou você passou por algum processo acadêmico também?**

**Jéssica:** Só pelo esporte mesmo. Eu deveria ter feito Educação Física ou fazer, pois meu ramo de trabalho aqui é este, sou dona de academia de musculação aqui na cidade.

**Por quais meios de comunicação você acessa debates sobre gênero e sexualidade?**

**Jéssica:** Acompanho aqui, sempre vejo o que está passando no mundo, procuro acompanhar e sempre estar atualizada. Eu sou representante do grupo aqui na cidade, desde de 2006 sou responsável de realizar o único evento gay aqui da cidade, que é o Miss da nossa cidade, que já existe desde 1990. Na semana passada quando comentei contigo que tinha participado de um seminário de cultura, é justamente porque eles querem encaixar dentro do calendário de eventos da cidade, vai ganhar mais visibilidade esse ano. E o nosso evento ele é muito importante, pois dar uma vaga a campeã, ela vai a Fortaleza e concorre a uma vaga para disputar o Miss Brasil Oficial, então ganhou uma visibilidade muito forte também, quando a gente conseguiu a vaga para ter esse direito.

E no demais aqui não tem como as pessoas falarem desse grupo e esquecer a família da Jéssica, porque dois trans e dois gays é demais, acho que até o *Guinness Book* vai está interessado nessa história (risos).

**A galera surta!**

**Jéssica:** É o pessoal comenta muito: “ei tu é da casa daqueles quatro é?”. Digo: “sou, sou a mais nova”. É incrível, depois te mando umas fotos no privado.

**De que forma você tem incentivado mais pessoas a praticarem esportes, tem algum projeto que você incentivava, que ministra aulas?**

**Jéssica:** Meu sobrinho é o técnico da escolinha de vôleibol e o projeto tem mais de 200 atletas, inclusive a gente está em competição agora, o campeonato cearense na categoria de base, desde o infante, o infantojuvenil e o adulto. E a gente abriu essa semana as inscrições para formar a escolinha mesmo, com treinamentos, com mais responsabilidades, é tanto que a inscrição não são os atletas que podem ir fazer, tem que ir com os pais. Só que a gente tem pouco apoio, aquela coisa, né?! Só é reconhecido depois do sucesso, é tanto que tive que trazer material, 2017 tive que trazer um material da Europa, por conta de que lá sai mais barato, a própria bola micasa, rede. E aí a gente faz uma parceria, quando posso trago bolas, apito, uniforme, essas coisas que é pra engajar no projeto e as pessoas sentirem mais valorizadas. E por incrível que parece a gente tem bastante gays também no projeto, eles se sentem em casa, o vôleibol tem aquela coisa, é um esporte que abraça mais esse público, dá mais oportunidade e a gente se sente bem à vontade, bem em casa. Creio que sim, vai sair muito atleta bom daqui futuramente, a gente tem uma bagagem muito boa aqui, porque tem o talento individual de cada um. E eu vou te passando as novidades daqui, quando forem surgindo.



Legenda: Foto do arquivo pessoal @jessicapalavollo.

**Esses são temas que interessam tanto a vocês quanto ao ambiente acadêmico também. Na audiência pública**

sobre o caso Tiffany é muito questionado a realização de estudos com “categorias trans”, para acompanhar os processos de hormonização e comparar os níveis de desempenho de atletas. E se o COI futuramente cobrar estudos nessas áreas para garantir a inclusão...

**Jéssica:** Olha, você viu que na Espanha aquela trans que concorreu ao Miss Universo, ela não foi tão questionada, imagina se ela fosse uma brasileira?! Você tem ideia da repercussão que teria sido, de quantas críticas negativas ela teria sofrido e a nossa classe?! Na Europa foi tratado, teve programa de TV, foi questionado, mas um questionamento positivo, com cultura, valorizando sempre a pessoa trans. O ano de 2019 nós tivemos uma trans espanhola que estava ganhando o direito de concorrer no feminino, tudo que ela quisesse, inclusive o esporte. Ela hoje joga voleibol profissional e não teve questionamento nenhum, foi só um direito e tudo ok. As coisas só têm essa repercussão aqui no Brasil, se é um talento de fora é aplaudido, se é de dentro de casa é um lixo, essa é a verdade, não adianta a gente querer tapar o sol com a peneira. Porque “ai é bonita, é linda” (cara e daí?!). Temos uma história maravilhosa da Valentina aqui no Ceará, os pais dela moram aqui a 50 km no Aquiraz. Eu não sei se você está por dentro da Valentina, que é uma trans modelo que hoje desfila para Victoria Secrets.

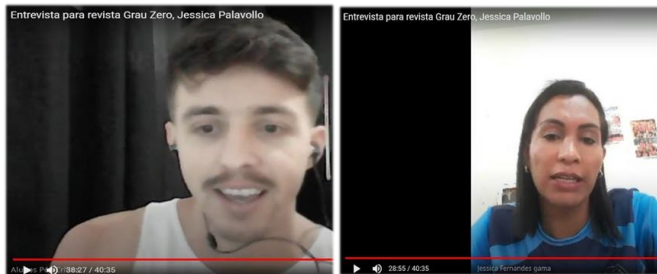
**Mais especificamente para as pessoas que estão em processo de formação profissional na área da Educação Física, o que você diria?**

**Jéssica:** O que deixo para as próximas que virão — que tenho certeza, é que não desistam, que continuem se aperfeiçoando, treinando para apresentar uma boa qualidade no esporte que escolher, mas que esteja dentro da lei. Não achar que vai só por impulso, não, tem que seguir tudo direitinho que é para quando acontecer alguma crítica você ter uma resposta em escrito, você ter uma prova feita com questões



de harmonização, com questão de todo processo que é pedido e exigido.

E para vocês que fazem esse trabalho, vocês se tornam uma espécie de escudo para nós. Ah não, aquela pessoa fez um trabalho comigo, ó vai lá, o que você tem dúvida aquela pessoa me perguntou. Vocês na verdade são muito mais importantes para esclarecer essas situações porque dão a cara para fazer um trabalho que a gente poderia estar oculta, mas se existem vocês para fazerem isso, vocês nos libertam, vocês nos liberam para um dia melhor, pra vivenciar e esclarecer as coisas, pra dizer não é brincadeira isso aqui é uma coisa séria. Então, eu agradeço demais, vou lhe indicar sim pessoas que estão nesse mesmo processo, inclusive aqui em Fortaleza fui convidada para um time, para fazer parte do Super Girls, é só transsexual no time, não tem nenhuma mulher, mulher nascida, todas são trans e a gente tem um apoio de pessoas ligadas ao meio, fui convidada para fazer parte do time como estou muito tempo aqui no Brasil e as meninas já foram até para São Paulo participar de um torneio lá, muito bom, vou pegar informações e depois vou te passando para fazer um trabalho com elas.



Legenda: Rafael/Entrevistador e Jéssica/Entrevistada. Print da tela de gravação da entrevista. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1-1hT3U-NeXJ57AtQve\\_iFMkzIYezgnZ/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1-1hT3U-NeXJ57AtQve_iFMkzIYezgnZ/view?usp=sharing).

[Recebido: 27 set. 2021 — Aceito: 24 out. 2021]